

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
LUZES NO CREPÚSCULO - O CINEMA DE AKI KAURISMÄKI  
10 DE ABRIL DE 2023**

**PIDÄ HUIVISTA KIINNI, TATJANA / 1994  
“Segura o Lenço, Tatiana”**

**Um filme de Aki Kaurismäki**

Realização e montagem: Aki Kaurismäki / Argumento: Aki Kaurismäki e Sakke Järvenpää / Fotografia (preto e branco): Timo Salminen / Direção artística: Kari Laine, Markku Patilää e Jukka Salmi / Figurinos: Tuula Hilkaamo / Música: Veikko Tuomi / Som: Jouko Lumme / Canções e temas musicais: “If I Had Someone to Dream Of”, “Hold Me Close”, “Bad Bad Baby” (The Renegades), “Muista Minua” (The Esquires), “Think It Over” (B. B. King, interpretada por The Regals), “Sexta Sinfonia” (Tchaikowski), “Old Scars” (H. Konno, interpretada por The Blazers), “Sabina” (Karu, Jauhiainen e Lasanen, interpretada por Veikko Tuomi), “Kun Kylmae On” (Viktor Vassel), “Etkoe Uskalla Mua Rakastaa” (Lindstroem and Saukki, interpretada por Helena Siltala), “Tanssi, Anjuska” (Kemppi e Husu, interpretada por Veikko Lavi & Pertti Husu) / Interpretação: Kati Outinen (Tatjana), Matti Pellonpää (Reino), Kirsi Tykkyläinen (Klavdia), Mato Valtonen (Valto), Elina Salo (a recepcionista do hotel), Irma Junnilainen (a mãe de Valto), Veikko Lavi (Vepe), Pertti Husu (Pepe), Viktor Vassel (o motorista de autocarro), Carl-Erik Calamnius (o empregado do posto de gasolina).

Produtor: Aki Kaurismäki / Produção: Sputnik OY (Finlândia), Pandora Films (Alemanha) / Cópia: Finlands Filmstiftelse (Helsínquia), em 35mm, versão original legendada em inglês e eletronicamente em português / Duração: 61 minutos / Estreia finlandesa: 14 de Janeiro de 1994 / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca Portuguesa: 24 de Março de 2000 (Ciclo Aki Kaurismäki).

---

As relações soviético-finlandesas têm uma presença regular na obra de Kaurismäki, mas só por duas vezes estiveram verdadeiramente no centro dos seus filmes: em **Total Balalaika Show**, registo do “histórico” concerto que juntou os “seus” Leningrad Cowboys (banda que é simultaneamente homenagem e paródia ao espírito mais profundo do *rock'n'roll* e que foi protagonista de duas das suas longas metragens, de várias curtas e de alguns clips musicais) ao prestigiado coro Alexandrov Ensemble do Exército Vermelho, num concerto único realizado em Helsínquia, e neste **Pidä Huivista Kiinni, Tatjana**. Ocupando um lugar mais discreto entre duas das suas obras maiores - **La vie de bohème** e **Nuens Passageiras** - **Pidä Huivista Kiinni, Tatjana** permanece um dos seus títulos menos vistos, mas não deixa de reflectir, reformular e ampliar os traços mais distintivos do “sistema” Kaurismäki. Entre muitos copos, muitos cigarros e muito *rock'n'roll*, conta-se uma das histórias mais minimalistas da sua filmografia, dada num simpático tom menor e praticamente reduzida a quatro personagens e a uma única situação narrativa (uma viagem de carro, e depois de barco, do sul da Finlândia até à Estónia), ambientada num tempo indefinido, provavelmente situado algures na viragem da década de 1960 para 1970 (Kaurismäki está-se nas tintas para os rigores da reconstituição do filme de época pois pretende, acima de tudo, uma recriação afectiva de um período que coincidirá com o da sua própria entrada na idade adulta).

Ao longo deste “road movie” digressivo e episódico (o parentesco tantas vezes referido com o cinema de Jim Jarmusch leva-nos a aproximar o filme - até pela utilização magistral da fotografia a preto e branco, simultaneamente devedora dos clássicos mas sem nada de passadista - de **Stranger than Paradise**), a ausência de uma progressão narrativa clara visando um clímax dramático deixa largo campo para a improvisação, não só ao nível do argumento (o que é habitual em Kaurismäki, que por várias vezes deu início a rodagens sem ter um guião estabelecido), mas até do próprio trabalho de representação (o que é mais raro, pois não obstante a relação privilegiada que mantém com a sua reduzida “família” de actores, o realizador afirmou por diversas vezes ter horror a qualquer tentativa de improvisação por parte dos intérpretes). A depurada *mise en scène* e a concisão dos diálogos é do melhor Kaurismäki, com a dupla masculina a reiterar a “triste figura” dos abundantes anti-heróis da sua obra (no capítulo amoroso, designadamente, revelam uma flagrante incapacidade em lidar de forma natural com o sexo oposto). No embaraço dos dois pobres-coitados finlandeses perante as duas desembaraçadas raparigas soviéticas, que neles viram em primeiro lugar a simples oportunidade de uma boleia e os levaram a um desvio do seu caminho de algumas centenas de quilómetros até à Estónia (significativamente, era já esse o destino final da fuga dos protagonistas de **Calamari Union** e **Varjoja Paratiisissa**), Kaurismäki continua a perscrutar a insondável alma finlandesa em mais um retrato do seu país feito de uma singular mistura de sarcasmo e mal dissimulada ternura.

Só Kaurismäki seria capaz de transformar uma comédia de “engate” (em que os rapazes estão pateticamente desfasados das exigências das suas “responsabilidades” masculinas, o que origina alguns dos mais fabulosos *gags* da sua obra, como sempre num registo de *understatement* em que se pressente claramente a matriz keatoniana como influência maior do seu peculiar sentido de humor “pince sans rire”), num filme de uma profunda e comovente melancolia, com tangentes à resignada tristeza das personagens de Ozu, temperada por alguma esperança à mistura. E, na improvável “love story” desta aproximação sentimental entre um “boy” finlandês e uma “girl” da então ainda soviética Estónia, haveria eventualmente outras esperançosas leituras geopolíticas cuja ressonância só será plenamente sentida por quem viveu de perto a atribulada história que liga a pequena Finlândia ao seu gigantesco vizinho ao longo da maior parte do século XX (e que teve o seu mais recente “revival” com a entrada da Finlândia na NATO, cedência do idealismo kaurismakiano à mais dura visão da *realpolitik*).

Mesmo sem um claro *happy end*, como em outros títulos de Kaurismäki, em **Pidä Huivista Kiinni, Tatjana** o ensimesmado finlandês interpretado por Matti Pellonpää (o *alter ego* do realizador em tantos filmes, se é que tal classificação faz algum sentido para descrever a relação de indissolúvel amizade que unia os dois homens) parecia ter encontrado uma hipótese de felicidade na Estónia ao lado da impassível Tatjana (fabulosamente interpretada por outra sua incontornável, Katti Outinen). Pellonpää viria a morrer pouco tempo depois da conclusão deste filme, não tendo chegado a interpretar o papel em **Nuvens Passageiras** que Kaurismäki escrevera expressamente para ele. Também por isso, a sua despedida do companheiro de viagem no final de **Pidä Huivista Kiinni, Tatjana** não poderia ter sido mais bonita: “Eu depois escrevo”.

Nuno Sena